

O USO DO VERBO *SABER* SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

THE USE OF THE VERB “*SABER*” UNDER A FUNCTIONAL-DISCURSIVE GRAMMAR APPROACH

Flávia do Carmo Bertasso¹

Erotilde Goretí Pezatti²

RESUMO

Este estudo propõe-se a investigar como diferentes construções com o verbo *saber* são analisadas sob o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional, especialmente Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2015). O objetivo é descrever os usos do verbo *saber*, determinando suas propriedades pragmáticas, semânticas e morfosintáticas no português falado no noroeste do Estado de São Paulo. Os resultados mostram que o verbo *saber* (i) tem uso interpessoal como Ato interativo e como modificador de Ato; (ii) já, no Nível Representacional, atua como núcleo da propriedade configuracional que compõe o Conteúdo Proposicional principal, selecionando como argumento Inativo também um Conteúdo Proposicional.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Funcional. Português falado. Subordinação. Oração completiva. *Saber*.

ABSTRACT

This study aims to investigate how different constructions with the verb *saber* are analyzed under the theoretical apparatus of Functional Discourse Grammar, especially Hengeveld and Mackenzie (2008) and Keizer (2015). The objective is to describe the uses of the verb *saber* (to know), determining its pragmatic, semantic and morphosyntactic properties in spoken Portuguese of the northwest of the State of São Paulo. The results show that the verb *saber* (i) has interpersonal use as an Interactive Act and as an Act modifier; (ii) within the Representational Level, it acts as the nucleus of the configurational property that constitutes the main Propositional Content, selecting a Propositional Content as an Inactive argument.

KEYWORDS: Functional Grammar. Spoken Portuguese. Subordination. Embedded clause. *Saber*.

Introdução

No âmbito dos estudos sobre a gramática do português brasileiro, várias pesquisas já foram desenvolvidas com o propósito de descrever aspectos da subordinação de orações, particularmente sob o paradigma teórico do funcionalismo linguístico. Entre esses estudos, encontram-se os de Braga (1999a, b) sobre orações encaixadas e complementos oracionais no português brasileiro e no português do Alto Xingu; os de Neves (2000, 2002), sobre diferentes usos das orações completivas e dos aspectos gramaticais envolvidos nessas construções do português; o de Cezario (2001), acerca de níveis de integração oracional com verbos cognitivos e volitivos; o de Carvalho (2004), que trata de orações encaixadas em verbos cognitivos e causativos; os de Sousa (2007, 2010, 2012, 2013,

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), flavia.bertasso@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-1105-5763>

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), erotilde.pezatti@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0001-8822-9587>.

2015) sobre gramaticalização de orações completivas em perspectiva diacrônica; o de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008) e o de Sousa et al. (2016), que tratam especificamente de descrever o funcionamento das tradicionalmente denominadas *subordinadas substantivas* no português falado.

Com relação ao verbo *saber*, que interessa mais diretamente a esta pesquisa, Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), ao investigarem as construções completivas e o tipo semântico dos verbos encaixadores de complemento oracional, classificam-no como verbo de cognição, que demonstra *conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal*. (p. 10). Já Neves (2000), em sua *Gramática de Usos do Português*, classifica semanticamente *saber* como verbo factivo epistêmico, uma vez que, quando complementado por oração, indica que a completiva, do ponto de vista do falante, é factual.

Embora alguns dos estudos mencionados até aqui façam referência a aspectos envolvidos na estrutura da subordinação e ao próprio verbo *saber*, este artigo, diferentemente, pretende investigar como a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, doravante GDF, explica as construções com o verbo *saber*, como os seguintes exemplos:

- Inf: [...] porque ele ia me processá::(r) falan(d)o coisa que num tinha nada a vê(r)... era um tipo de segurança pra mim mesmo e pra Ele também porque ia ficá(r) tudo registrado... que a polícia só vem se machuca alguém... [Doc.: uhum ((concordando))] **não sei se você sabe... caso acontece algum acidente alguma coisa ele num vem se num tivé(r) ferido** (AC050, L83)
- Inf: [...] Todo mundo sabe que ela mente que ela inventa coisa sabe?... então... se a pessoa acreditá(r) tam(b)ém né?... **eu sei que eu nu::m... que eu tô de consciência limpa... eu num... fiz nada então** (AC042, L267)
- Inf.: olha eu acho que a:: a a polícia nossa é bastante prestativa mas... ela poderia sê(r) mais... **eu acho que o Brasil poderia usá(r) recursos de Exército...sabe? pra tentá(r) acabá(r) de vez com esse tráfico de drogas... mais com a violência... e:: tudo mais sabe?...** (AC035, L551)
- Doc.: tá... se cê tivé(r) alguma história de:: alguma vez que... cê foi:: **sei lá que deu problema com algum professor:: alguma:: [direto::ra]**
- Inf.: [ah o ano] o ano passado né?... que:::... eu perdi um livro... e:: aí eu xinguei ela... a minha... professora... (AC017, L57)

Considerando-se os propósitos deste estudo, o universo de investigação é constituído por dados reais de uso da língua, extraídos das ocorrências de fala que integram o banco de dados IBORUNA, sediado na UNESP de São José do Rio Preto (cf. GONÇALVES, 2007). Trata-se de um banco de dados criado para auxiliar a descrição do português falado no noroeste do estado de São Paulo (Auxílio

FAPESP/Proc. 03/08058-6), entre os anos de 2003 e 2007, composto por ocorrências de dois tipos: Amostra Censo (AC) e Amostra de Interação Dialógica (AI). A Amostra Censo inclui 152 registros de fala controlados sociolinguisticamente, cada um dividido em cinco tipos de texto: narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. A Amostra de Interação, por sua vez, constitui-se de registros de fala coletados, de forma secreta, em situações livres de interação entre dois ou mais informantes. Foi investigada toda a Amostra de Interação, composta por 11 inquéritos.

Para a análise dos dados e sistematização dos resultados, foi utilizada metodologia tanto qualitativa quanto quantitativa. Desse modo, os dados foram analisados de acordo com os seguintes fatores: nível em que se origina (Nível Interpessoal ou Nível Representacional); a camada que escopa a depender do nível em que opera; o papel que desempenha na camada (núcleo, modificador, operador ou função); a categoria semântica (tempo, modo, número e pessoa); e posição que ocupa na linearização morfosintática, seja da Expressão Linguística (Le), seja da Oração (Cl).

Após codificação e análise segundo esses fatores, as ocorrências foram submetidas ao programa estatístico Goldvarb (SANKOFF, SMITH; TAGLIAMONTE, 2005), a fim de alcançar resultados quantitativos que comprovem os diferentes usos das construções em questão. Com o programa, pode-se obter resultados percentuais de aplicação dos fatores e, com isso, definir as propriedades de cada uso das construções com verbo *saber*.

1. Fundamentação teórica: Gramática Discursivo-Funcional

Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que a construção de enunciados tem seu início na intenção do falante e se estende até a articulação, baseada na ideia de que uma gramática eficaz se assemelha ao processamento linguístico individual. Ainda ressaltam os autores que a teoria busca refletir evidências psicolinguísticas em sua estrutura fundamental, descrevendo o conhecimento subjacente à capacidade formal de comunicação do falante, isto é, como as unidades linguísticas (lexemas, auxiliares, constituintes sintáticos e fonemas) podem ser combinadas com Atos de Discurso, Proposições, Orações e Frases Entonacionais.

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) considera que as possíveis combinações são instrumentais na comunicação interpessoal e foram surgindo conforme os falantes utilizavam determinadas combinações e essas os serviam bem e, então, passaram a ficar disponíveis em seus repertórios linguísticos. Pode-se afirmar que a teoria da GDF analisa como as formas linguísticas pertencentes ao repertório dos falantes podem ser combinadas a fim de que se cumpra o propósito comunicativo da interação verbal.

Keizer (2015, p. 3) explica que, ao longo do século XX, os linguistas perceberam a necessidade não só de descrever o que era ou não aceitável nas línguas particulares, mas de descrever o sistema que existe por trás dela e os principais pontos subjacentes. A língua passou a ser vista como um processo (psicolinguístico e neurolinguístico) adquirido e passível de mudanças e evolução.

Pezatti (2012), citando Connolly (2007, p. 11), afirma que uma teoria que se denomina como funcional não pode se restringir a explicar os recursos lexicais, morfossintáticos e semânticos, mas explicá-los com o propósito da comunicação, pois a língua é instrumento para a interação e, assim, “toda e qualquer abordagem funcionalista leva em consideração o uso que os falantes fazem de sua língua com o objetivo de interagir e se comunicar com seus semelhantes” (PEZATTI, 2012, p. 107). Segundo a autora, “o requisito básico do paradigma funcional de linha holandesa é que as expressões linguísticas devam ser descritas e explicadas em termos da organização geral estabelecida pelo sistema pragmático de interação verbal” (PEZATTI, 2016, p. 15).

Na arquitetura descendente da GDF, encontra-se, em primeiro lugar, o Componente Conceitual, que abriga a representação mental da intenção do falante no momento da comunicação. Nesse componente, relacionam-se os aspectos cognitivos à intenção comunicativa do emissor, possibilitando que a informação siga para o Componente Gramatical, resultando na codificação linguística do que foi desejado pelo falante na interação com seu interlocutor. Vale ressaltar que a GDF não considera todo tipo de informação conceitual existente na mente do falante ou do ouvinte como parte do Componente Conceitual, apenas a informação que será codificada linguisticamente.

1.1. Componente Contextual

Visto que a língua é um meio de comunicação e que a intenção comunicativa do falante é influenciada pelo contexto no qual está inserido, a GDF leva em consideração determinadas questões contextuais - aspectos linguísticos relevantes presentes na interação - que se encontram no Componente Contextual.

As informações de tal componente podem ser divididas em dois tipos: de curto prazo, relacionadas a um enunciado linguístico específico e relevantes para a continuidade da interação; e de longo prazo, utilizadas para fazer distinções necessárias à língua a respeito de entidades não linguísticas e com consequências na formulação e codificação no Componente Gramatical.

1.2. O Componente Gramatical

Pezatti (2016, p. 13) chama atenção para o fato de que o Componente Gramatical se refere, como o próprio nome sugere, à gramática de uma língua natural, que é vista em uma organização descendente de modo que a pragmática comanda a semântica, a pragmática e a semântica comandam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe comandam a fonologia.

O Componente Gramatical é composto de quatro níveis (Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico) hierarquicamente estruturados, cada qual com seu *modo próprio*, mas o que todos têm em comum é uma organização hierarquicamente ordenada em camadas (PEZATTI, 2016, p. 20).

O processo de formulação antecede os níveis Interpessoal e Representacional. Segundo Keizer (2015), na formulação, os primitivos podem ser divididos em três tipos: moldes, que permitem a

combinação de elementos; lexemas, elementos significativos que proporcionam uma comunicação bem sucedida, e operadores, que representam as informações gramaticais.

1.2.1. Nível Interpessoal

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 46) apontam que esse nível trata dos aspectos formais da unidade linguística e reflete a interação entre o Falante e o Ouvinte. Pezatti (2016, p. 15) afirma que “Na interação cada participante tem um objetivo em mente, que determina a estratégia adotada pelo Falante para obter o seu propósito comunicativo. [...] É, portanto, o nível da ação.”

As unidades do Nível Interpessoal são definidas e organizadas hierarquicamente, na seguinte ordem: Movimento (M), a maior unidade de interação pertinente para a análise gramatical, é identificado, em termos de seu estatuto interpessoal, como uma contribuição autônoma para uma interação em desenvolvimento. O que o caracteriza é a possibilidade de ser ou desencadear uma reação, tendo assim, necessariamente, um efeito perlocutório. Um Movimento pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Um Ato é a unidade básica do discurso e definido como a menor unidade identificável de comportamento comunicativo. Contém, no máximo, quatro componentes: uma Ilocução (F), que indica a finalidade do ato verbal, um Falante ((P₁)_S), um Ouvinte ((P₂)_A) e um Conteúdo Comunicado (C), que veicula tudo que o Falante deseja evocar na sua interação com o Ouvinte, sendo composto por Subatos, que podem evocar uma propriedade, sendo por isso denominado Atributivo (T), ou uma entidade, sendo então denominado de Referencial (R).

1.2.2. Nível Representacional

O Nível Representacional (NR) trata dos aspectos semânticos das unidades linguísticas referentes ao mundo extralinguístico ou aos significados de unidades lexicais simples ou complexas. Esse nível se caracteriza por descrever estruturas linguísticas em termos de denotação de uma entidade.

As entidades neste nível são organizadas da seguinte forma: Conteúdo Proposicional (p), um construto mental que não existe no espaço ou tempo, sendo constituído de um ou mais Episódios (ep). Um Episódio (ep) constitui uma combinação de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, tendo, portanto, unidade ou continuidade de Tempo, Lugar e Indivíduo. Estado-de-Coisas (e) é uma entidade de segunda ordem e, como tal, pode ser localizada no tempo relativo e avaliada em termos de seu estatuto de realidade e de factualidade. O Estado-de-Coisas contém uma Propriedade (f), que é avaliada em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidades ou à situação que ela descreve em geral, compondo assim uma Propriedade Configuracional (f^c), ou seja, um predicado e seus argumentos, que podem ser: um Indivíduo (x), uma entidade tangível e concreta, um Local (l), entidade também tangível e concreta onde o Estado-de-Coisas ocorre, um Tempo relativo (t), expressão que indica um determinado ponto em uma linha do tempo, um Modo (m), maneira pela qual o Estado-de-Coisas acontece, uma Quantidade (q), fenômenos contáveis ou incontáveis presentes no Estado-de-Coisas e uma Razão (r), o motivo pelo qual o indivíduo age de certa forma.

1.2.3. Nível Morfossintático

Os níveis Interpessoal e Representacional enviam o duplo *input* ao morfossintático (KEIZER, 2015, p. 173) e, entre esse duplo *input* dos níveis anteriores e o Nível Morfossintático, há a codificação morfossintática que dispõe de três primitivos: padrões (os padrões básicos da língua, tais como sentença, oração, sintagma e palavra), morfemas gramaticais (operadores secundários) e operadores morfossintáticos (indicadores de tempo e número).

Nesse nível, a unidade linguística é analisada, em termos de seus constituintes sintáticos, das camadas mais altas para as mais baixas. A camada mais alta desse nível é a da Expressão Linguística (*Le – Linguistic Expressions*), que consiste em um número de unidades morfossintáticas de camadas mais baixas (Orações, Sintagmas ou Palavras), mas pode conter apenas uma dessas unidades, desde que usada de modo independente. A Oração (*Cl – Clause*), por sua vez, constitui um grupo de um ou mais sintagmas, caracterizados, em maior ou menor extensão, por um padrão de ordenação e por expressões morfológicas de conectividade, notadamente concordância e regência. O Sintagma (*Xp – X phrase*), assim como a Oração, potencialmente consiste em uma combinação sequenciada de palavras, de outros sintagmas e de oração encaixada. O que o caracteriza é ter como núcleo um item lexical vindo do Nível Interpessoal ou do Representacional, que pode ser um nome, um adjetivo, um advérbio ou verbo. A Palavra (*Xw – X word*), por sua vez, constitui-se de um ou mais morfemas, como radicais e afixos.

Sob a luz da GDF, um aspecto muito importante do Nível Morfossintático é a ordenação de constituintes, uma vez que a linearização constitui uma forma de expressão das intenções comunicativas do falante, e obedece a princípios de ordenação como a Iconicidade, a Integridade de Domínio e a Preservação de Relações de Escopo.

Pezatti (2014), analisando a linearização de constituintes no português, considera que, das quatro posições básicas (P^I , P^2 , P^M e P^F), propostas por Hengeveld e Mackenzie (2008), apenas três são suficientes para explicar a linearização de constituintes da oração em português: P^I , a posição inicial; P^M , a posição medial e P^F , a posição final, contando obviamente com as várias posições relativas delas derivadas, cada qual especializada para determinados tipos de constituintes. As duas posições periféricas (P^I e P^F) são psicologicamente salientes, enquanto a posição medial é menos saliente e depende do número de constituintes que uma oração pode conter. As posições relativas (P^{I+n} , $P^{M+/-n}$ e P^{F-n}) só podem ser preenchidas depois que a posição absoluta já estiver preenchida, conforme representação a seguir. (PEZATTI, 2014, pp. 90-1)

$$P^I \quad P^{I+1} \quad P^{I+n} \quad P^{M-n} \quad P^{M-1} \quad P^M \quad P^{M+1} \quad P^{M+n} \quad P^{F-n} \quad P^{F-1} \quad P^F$$

Há, entretanto, posições marginais (fora da oração) para constituintes extraoracionais, que fazem parte da Expressão Linguística, mas não da Oração propriamente dita. Assim, para distinguir P^I e P^F da camada da Expressão Linguística e da Oração, utilizam-se P^{pre} , para a posição pré-oracional,

P^{centro}, para a posição ocupada pela Oração propriamente dita, e P^{pos}, para a posição pós-oracional, conforme esquema a seguir.

| | | |
|------------------------|--|------------------|
| Expressão Linguística: | P ^{pre} P ^{centro} | P ^{pos} |
| Oração: | P ^I P ^M P ^F | |

Como veremos, os diferentes usos de *saber* terão reflexo na posição morfossintática assumida pelo verbo em pauta.

1.2.4. Nível Fonológico

Keizer (2015, p.252) afirma que o Nível Fonológico recebe o *input* dos outros três níveis que, ao passar pelos primitivos da codificação fonológica, terá a responsabilidade de estabelecer o que faltou ao Nível Morfossintático. Os primitivos desses níveis podem ser organizados em três tipos: padrões (organizam as informações fonológicas dos níveis superiores), formas supletivas (expressam informações gramaticais advindas dos níveis superiores) e os operadores (que se efetuam no componente de Saída).

A unidade mais alta deste nível é o Enunciado (U – *Utterance*), constituído por pausas longas sem hesitação, seguido pela Frase Entonacional (IP – *Intonational Phrase*), que apresenta um movimento tonal localizado (núcleo), e pela Frase Fonológica (PP – *Phonological Phrase*), caracterizada por uma sílaba mais fortemente acentuada.

1.3. Componente de Saída

Terminado o trabalho do Componente Gramatical com os processos de formulação e codificação, o Componente de Saída *output* converte a informação gramatical em informação acústica, ortográfica ou escrita. O resultado desse processo é o uso efetivo da língua.

2. O uso de *saber* no português do interior do estado de São Paulo

Após submeter os dados do *cópus* Iboruna, mais especificamente nos 11 inquéritos da Amostra de Interação, do verbo *saber* ao programa Goldvarb, os resultados quantitativos obtidos foram, então, interpretados de acordo com os pressupostos teóricos da GDF.

A análise dos dados mostra que *saber* pode operar nos dois níveis de formulação, propostos pela GDF: no Nível Interpessoal (NI), ou seja, como um tipo de estratégia dos participantes durante a interação, e no Nível Representacional (NR), como forma de representar o mundo extralinguístico. Os resultados desses dois usos estão expressos na tabela 1.

Tabela 1: *Saber* em cada nível.

| <i>Saber</i> | NI | | NR | | Total |
|--------------|----|-------|----|-------|-------|
| | n | % | n | % | |
| | 52 | 68,4% | 24 | 31,6% | |

Fonte: Elaboração das autoras

A tabela 1 revela que o uso de *saber* predomina no Nível Interpessoal, com 68,4% das ocorrências, em contraste com o uso representacional em apenas 31,9%. Trataremos a seguir desses usos (pragmático e semântico) separadamente, mostrando as características deles em cada nível. Vejamos o uso de *saber* interpessoal.

2.1. *Saber* no interpessoal

O Nível Interpessoal, como vimos, trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte. Na interação cada participante tem um objetivo em mente, que determina a estratégia adotada pelo Falante para obter o seu propósito comunicativo. *Saber* pode ser utilizado na interação como uma estratégia entre os participantes para dois diferentes propósitos, conforme exemplificam as ocorrências (1) e (2).

- (1) Doc.: POR que que cê acha que tem que sê(r) estudioso?

Inf.: eu Acho que tem que sê(r) estudioso pra [...] pra você::... éh:: tirá(r) notas bo::as *sabe?*...PRA você APRENDÊ(R) (AC-002, L128)

- (2) Inf.1.: aprendeu o a bê cê hein? Doc.2.: uhum:: Inf.2: diz que era o manuscrito... que tinha... num sei que livro era esse que tinha lá antigamente...*sei lá..* aí ele aprendeu aquilo lá ele falava pro professor—“eu quero mais quero aprendê(r) mais”—... ele falô(u)—“ah:: agora eu num sei mais pa te ensiná::(r)”— ((risos))... num era professor na::da... ((risos)) (AI004, L227)

A ocorrência (1) exemplifica um uso do verbo *saber* como uma estratégia fática, para buscar a confirmação do interlocutor sobre a compreensão do que é dito, por meio da expressão *sabe?*. Para a GDF, trata-se de um Ato Discursivo, uma unidade de comportamento comunicativo (KEIZER, 2015, p.52) que apresenta sua própria ilocução, servindo apenas para checar a atenção do Ouvinte. Sendo assim, estamos diante de um Ato Discursivo Interativo. No corpúsculo analisado, foram encontrados 41 casos correspondentes a 78,8%.

Já em (2), a expressão “*sei lá*” indica ciência do Falante sobre a imprecisão do Conteúdo Comunicado no Ato Discursivo anterior e, por isso, a necessidade de amenizar o dito e assim se proteger de uma avaliação negativa por parte do interlocutor. Trata-se de um expediente que modifica o Ato Discursivo anterior, mitigando-o e servindo a uma estratégia de polidez e proteção da face

(TEIXEIRA, 2015, p. 36). Na ocorrência (2), “sei lá” não se vincula fortemente à oração “num sei que livro era esse que tinha lá antigamente”, funcionando apenas como uma forma de amenizar o conteúdo expresso no Ato Discursivo anterior.

A tabela 2 apresenta os resultados quantitativos de *saber* interpessoal.

Tabela 2: Uso de *saber* no Nível Interpessoal

| <i>Saber</i> | Ato Interativo | | Modificador de Ato | | Total | |
|--------------|----------------|-------|--------------------|-------|-------|------|
| | n. | % | n. | % | n. | % |
| NI | 41 | 78,8% | 11 | 21,2% | 52 | 100% |

Fonte: elaboração das autoras

Conforme se pode notar, no Nível Interpessoal, predomina o uso como Ato Interativo (41/78,8%), sendo menor (21.2%) o uso como modificador de Ato Discursivo. Passaremos a descrever cada um deles, dando suas propriedades semânticas e morfossintáticas.

2.1.1. *Saber*: Ato Discursivo Interativo

Como já observado, o uso de *saber* como Ato interativo é uma forma de checar a atenção do Ouvinte; consequentemente se apresenta em forma de uma pergunta, como mostra (3). Trata-se, portanto de um Ato Discursivo, que apresenta quatro componentes: uma Ilocução (Inter), o Falante (P_1)_S, o Ouvinte (P_2)_A e um Conteúdo Comunicado (C_1), contendo um subato Atributivo (T_1), ou seja, uma propriedade (*saber*) que se aplica a uma entidade, e um Subato Referencial (R), a entidade a que se aplica a propriedade, conforme representado em (4)

- (3) Inf.2.: mas J.... QUANDo o o o diretor do *Hopi Hari* foi seqüestrado porque ele tam(b) ém... o O. que trabalhava junto... o ele e o O. fazia tratamento c’uma psicóloga em São Paulo... o o:: *M. saIU... e entrô(u) na caminhonete... com aquelas caminhoneTOna sabe?... (AI-001, L35)*

- (4) (A_1 : [(Inter) (P_1)_S (P_2)_A] (A_1))

Apesar de ser oriundo do Nível Interpessoal, já que atua na relação entre os interlocutores, diferentemente das interjeições, esse Ato Interativo pode ser representado semanticamente. No Nível Representacional, corresponde a um Conteúdo Proposicional, formado por um Estado-de-Coisas, cujo núcleo é a propriedade configuracional composta pela propriedade *saber* e seus argumentos Ativo (*Actor*) e Inativo (*Undergoer*).

Além disso, como predicado verbal, comporta a categoria de tempo, podendo indicar, na maioria dos casos (40 ocorrências correspondentes a 97,5%), o tempo presente do indicativo, visto que o falante procura se certificar da compreensão do interlocutor no momento da fala, conforme (5), mas

A expressão *sei lá* pode ainda indicar uma incerteza por parte do Falante, e possivelmente um descomprometimento com o conteúdo expresso nos Atos Discursivos que contornam a expressão *sei lá*. É o que exemplificam (11) e (12).

(11) Inf.2.: mas e a mobília (inint.) sua cama da sua casa? [colchão]

Inf.1.: [ah::] num sei eu acho que eu vô(u) levá(r)::... num vô(u) levá(r) nada de casa não... comprá(r) lá... colchão eu vô(u) comprá(r) novo né?... colchão é foda comprá(r) usado... ((diz rindo)) agora [só/]

Inf.2.: [não] leva o de casa

Inf.1.: **é só se eu levá(r) o de casa** mas é que o de casa é novo cara... e::... **sei lá...** talvez eu leve o de casa e compre um mais vagabundo pra pôr em casa né? porque eu tenho em casa é o de mola de mola é bom tal (AI-008, L238)

(12) Inf.2.: ela vivia do::ida pa estudá::(r)... o pai falava... –“não::... aí...” – – medo das filha mulher estudá::(r) e::... e num dá cer::to... e::” – aí pronto... aí num::... foi o J. meu irmão ele num passô(u) não... (nessa) Matemática que fez né? D.?

Inf.1.: é:: foi

Inf.2.: mas NEM terminô(u) aqueles dia que ele foi::... uns dias só de noite que ele ia

Inf.1.: **sei LÁ** (AI004, L82)

Além disso, essa expressão é sempre enfática, assinalada pelo operador de ênfase *lá*. Assim, no Nível Interpessoal, toma a forma de um Ato Discursivo, com quatro componentes: uma Ilocução, sempre Declarativa, já que apenas informa o ouvinte do conteúdo proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado, o Falante (P_1)_S, o Ouvinte (P_2)_A e um Conteúdo Comunicativo (C_1), contendo um subato Atributivo (T_1), ou seja, uma propriedade que se aplica a entidades, e um Subato Referencial (R), a entidade a que se aplica a propriedade, conforme representado em (13).

(13) (emph A_1 : [(Decl) (P_1)_S (P_2)_A (C_1 : (T_1) (C_1))] (A_1))

Por apresentar um Conteúdo Comunicado, corresponde, no Nível Representacional, a um Conteúdo Proposicional, formado por um Estado-de-Coisas, cujo núcleo é a propriedade configuracional composta pela propriedade *saber* e seus argumentos Ativo (*Actor*) e Inativo (*Undergoer*). Além disso, como propriedade verbal, comporta a categoria de tempo, sempre presente do indicativo, e a categoria de pessoa, sempre a primeira pessoa do singular, pois o conhecimento impreciso é do próprio Falante, sendo, então, representado como em (14).

(14) (p_1 : [(pres ep_1 : [(e_1 : [(f_1 : -sei-) (x_1)_A (x_2)_U (f_1))] (e_1)) (ep_1)) (p_1))

Morfossintaticamente, tal como o Ato Discursivo Interativo (*sabe?* e *sabia?*), corresponde a uma Oração, constituída da palavra verbal *sei* e da palavra gramatical *lá*, reflexo do operador de ênfase do Nível Interpessoal, como representado em (15).

(15) (Cl₁: [(Vp₁ -sei - (Vp₁) (Gw₁ lá (Gw₁))] (Cl₁))

Como um Modificador de Ato, a expressão *sei lá* posiciona-se sempre em P^{post} da Expressão Linguística, depois da Oração, sobre cujo conteúdo o Falante demonstra incerteza, como exemplifica (16), representada em morfossintaticamente em (17).

(16) Inf.1.: a gente já tava tão...de saco cheio de ficá(r) ven(d)o apartamento... e:: a gente passô(u) a/ olhô(u) RÁPIDO e só pra vê(r) se num era muito absurdo o lugar né?... pra vê(r) se num era muito ruim... *porque a localização era muito boa... entã::o... sei lá...* (AI008, L87)

(17) Le: P^{Centre} P^{Pos}
 porque a localização era muito boa **sei lá**

2.2. Saber no representacional

Como forma de representar o mundo extralinguístico, ou seja, em seu uso semântico, *saber* ocorre em 31,9% do total de casos analisados, conforme exemplificado em (18) e (19).

(18) Inf.1.: porque antes eu achava que eu não incomodá(r) ela era bom...só que eu tô ven(d) o que ela qué(r) é o seguinte que ela qué(r) que eu mostre pra ela que todo dia eu estudo sabe?... que eu num tô fazen(d)o tudo as pressa que eu num tô levan(d)o nas co::xa sabe assim?... eu falei eu vô(u) vê(r) se eu... agilizo a COIsa... **eu sei que ela é difícil** mas... queren(d)o ou não hoje me caiu uma ficha estudando... eu sei porque que ela tá frustrada assim... eu entendo (AI-011, L5)

(19) Inf.2.: ele tinha prestado o que lá?

Inf.1.: matemática aplicada

Inf.2.: onde que foi?

Inf.1.: na UNICAMP... isso em:: setenta e o::ito... então era engraçado porque lá na UNICAMP... *num sei se ainda é assim* mas naquela época tinha MUIto povo de fora assim... chile::no mexica::no... paragua::io

Inf.2.: aqui tem uns também de vez em quando (AI-008, L40)

Em (18), *eu sei* demonstra que o Participante 1 está compartilhando um conhecimento, *ela é difícil*, com o Participante 2. Em (19), o Participante 1 descreve seu (des)conhecimento (*num sei*) a respeito da existência de alunos de fora de Campinas frequentando a UNICAMP.

De qualquer forma, nas duas ocorrências, tanto *eu sei* quanto *num sei* constituem Conteúdos Proposicionais (p), visto que representam construtos mentais, que só podem ser avaliados em termos de valor de verdade. Trata-se de um Conteúdo Proposicional, composto por um Episódio, marcado pelo tempo absoluto presente ou pretérito, que, por sua vez, contém um Estado-de-Coisas constituído pela propriedade *saber* e seus argumentos Ativo (*Actor*) e Inativo (*Undergoer*).

Nos dois casos, o argumento Inativo, no entanto, constitui também um Conteúdo Proposicional, composto por um Episódio, cujo núcleo é um Estado-de-Coisas. A diferença entre eles reside no fato de que o Conteúdo Proposicional em (18) representa uma asserção enquanto em (19) representa uma dúvida. Essa diferença irá refletir na codificação morfosintática de cada oração completa, conforme demonstraremos adiante. A tabela 3 contém os resultados referentes a esses dois tipos de complemento do verbo *saber*:

Tabela 3: Tipo de complementação do verbo *saber*

| <i>Saber</i> | Decl | | Inter | | Total | |
|--------------|------|-------|-------|-------|-------|------|
| | n. | % | n. | % | n. | % |
| NR | 11 | 45,8% | 13 | 54,2% | 24 | 100% |

Fonte: elaboração das autoras

Como predicado principal usado descritivamente, *saber* pode assumir a forma de primeira pessoa do singular, indicando que o conhecimento pertence ao Falante, o que acontece em 19 casos (equivalentes a 79,1%), como em (18) aqui repetido por conveniência em (20), ou na terceira pessoa do singular indicando que o conhecimento é de outro participante, como em (21), o que ocorre em 15 casos, correspondentes a 65,5%.

- (20) Inf.: porque antes eu achava que eu não incomodá(r) ela era bom...só que eu tô ven(d)oque ela qué(r) é o seguinte que ela qué(r) que eu mostre pra ela que todo dia eu estudo sabe?... que eu num tô fazen(d)o tudo as pressa que eu num tô levan(d)o nas co::xa sabe assim?... eu falei eu vô(u) vê(r) se eu... agilizo a COIsa... **eu sei que ela é difícil** mas...queren(d)o ou não hoje me caiu uma ficha estudando... (AI-011, L5)
- (21) Inf.: por QUÊ?... porque ela achô(u) que a gente fosse conseguí(r)... avançá(r)... RÁpido... e eu não sei porquê mas... EU... éh::... me detive aos detalhes... e todo e qualqué(r) probleminha eu enrosquei e num andei... e **ela sabe que esse não é bem o meu perfil** então eu sô(u) uma pessoa mais... né? –”vamos vê(r) vamo(s) (inint.)”–... e eu não qué(r) dizê(r) eu mudei também... (AI-001, L11)

Além disso, ainda como predicado principal, *saber* aparece sempre no modo indicativo, variando apenas no tempo absoluto, que pode ser o presente, em 20 ocorrências (83,3%), como em (22), ou no pretérito, em apenas 4 casos (16,7%), como em (23). Isso sugere que essa estrutura tende a ser usada com maior frequência para exprimir um conhecimento existente no momento da interação.

(22) Inf.1: a casa tá trancada? é isso?

Inf.2: ele tá lá dentro... ele bebe... ele sai bebe vai dormi(r)... e ele falô(u) pra mim que só SAI se alguém for tirá(r) ele porque do contrário **ele sabe que é da/ que é da menina...** porque eu já enjoei de falá(r) que foi feito pra ela... mas ele disse que não sai (AI-009, L188)

(23) Inf.1.: a:: foi pro E.... que o senhor falô(u) que vinha?

Doc.2.: fo::i:

Inf.1.: ah::

Doc.2.: ele/ eu é/... **é que eu sabia que ele era aqui de Onda Verde né?**... que ele dá aula lá em Ilha Solte(i)ra... e eu... morei muitos anos em Ilha Solte(i)ra e um dia eu conheci ele (AI-004, L182)

A representação semântica de *saber* em (22) e (23) é, respectivamente, como em (24) e (25):

(24) $(p_1: [(pres\ ep_1: [(e_1: [(f_1: -sabe-) (x_1)_A (p_2: [(ep_2 -que\ é\ da\ menina- (ep_2))] (p_2)_U (f_1))] (e_1)) (ep_1)) (p_1))$

(25) $(p_1: (pass\ ep_1: [(e_1: (f_1^c: [(f_1: -sabia-) (x_1)_A (p_2: [(ep_2 -que\ ele\ era\ aqui\ de\ Onda\ Verde- (ep_2))] (p_2)_U (f_1))] (e_1)) (ep_1)) (p_1))$

No Nível Morfossintático, as construções com *saber* representacional são codificadas como duas Orações (Cl), sendo uma delas dependente. Assim, a ocorrência *eu sei que ela é difícil* em (20), cujo complemento Inativo indica uma asserção, tem a representação em (26), com a palavra gramatical *que* introduzindo a Oração completiva; já (19), *num sei se ainda é assim*, em que o Inativo indica incerteza, tem a representação em (27), sendo a Oração completiva introduzida pela palavra gramatical *se*.

(26) $(Cl_1: [(Np_1: eu (Np_1)) (Vp_1: sei (Vp_1))] (Cl_1))^{dep}(Cl_2: [(Gw_1\ que\ (Gw_1)) (Np_2: ela (Np_2)) (Vp_2: é (Vp_2)) (Ap_1: (Aw_1: difícil (Aw_1)) (Ap_1))] (Cl_2))] (Cl_1))$

(27) $(Cl_1: [(Gw_1\ não\ (Gw_1)) (Vp_1: sei (Vp_1))] (Cl_1))^{dep}(Cl_2: [(Gw_2: se (Gw_2)) (Adw_1\ ainda\ (Adw_1)) (Vp_2: é (Vp_2)) (Adw_2: assim (Adw_2))] (Cl_2)) (Cl_1))$

Como reflexo de sua propriedade de núcleo principal de uma predicação de dois lugares, *saber* se situa nos limites da Oração, e não mais na camada da Expressão Linguística. Desse modo, assume a posição P^M da oração principal, conforme se representa em (28).

(28) Cl: P^I P^M P^{M+1}
 Subj_{eu} sabia Obj_{que ele era de Onda Verde}

Conclusão

A análise de construções com *saber* empreendida neste trabalho, em dados do português falado, revela a existência de diferentes usos, oriundos dos dois diferentes níveis de formulação, que se refletem em diferentes estruturas morfossintáticas.

Em termos de propriedades gramaticais relacionadas aos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, os resultados mostram as seguintes tendências:

- (i) Oriundo no Nível Interpessoal, *saber* aparece, na maioria dos casos, como um Ato Interativo, caracterizado semanticamente por assumir a terceira pessoa do singular, sempre no modo indicativo (presente ou passado) e posposto à Oração que representa o Ato ao qual escopa, pertencendo, portanto, no Nível Morfossintático, à Expressão Linguística.
- (ii) Originado também no Nível Interpessoal é o Modificador de Ato, que se caracteriza semanticamente por estar sempre na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo e, na linearização morfossintática da Expressão Linguística, apresenta-se posposto à Oração, que representa o Ato ao qual modifica.
- (iii) Com origem no Nível Representacional, *saber* se constitui como o predicado principal de um Conteúdo Proposicional, cuja propriedade configuracional é núcleo de um Estado-de-Coisas que descreve um fato extralinguístico. Não há, portanto, restrição de pessoa, número, tempo ou modo verbal. Morfossintaticamente, como núcleo de uma propriedade configuracional, assume uma posição na camada da Oração, geralmente a posição P^M da Oração principal.

Referências

- BRAGA, M. L. *Os complementos oracionais no português do Brasil e no português de contato*. Anais da Associação Brasileira de Linguística, Florianópolis, 1999a. (CD-ROM da ABRALIN).
- BRAGA, M. L. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Relatório Científico apresentado ao CNPQ, 1999b. Mimeo.
- CARVALHO, C. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.
- GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. (org.). *Gramática do Português culto falado no Brasil*. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. pp. 1021-88.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

- NEVES, M. H. M. Construções encaixadas: considerações básicas. In: *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. pp.151-62.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.
- PEZATTI, E. G. Gramática discursivo-funcional: uma breve apresentação. In: PEZATTI, E. G (org.). *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016, v.1, pp. 15-40.
- PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- PEZATTI, E. G. A gramática Discursivo-Funcional e o Contexto In: SOUZA, E. R. F. (org.). *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, v.1, pp. 107-32.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, E.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto/Department of Linguistics, 2005.
- SOUSA, G. C. et al. As orações completivas subjetivas e objetivas. In: PEZATTI, E. G. (org.). *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. São Paulo: Editora da Unesp, 2016.
- SOUSA, G. C. Motivações semânticas e pragmáticas na mudança gramatical. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 20, pp. 53-72, 2015.
- SOUSA, G. C. Percurso diacrônico de completivas introduzidas por “como” no português. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n.1, p. 366-375, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1112/678>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- SOUSA, G. C. História de uma completiva: origem e desenvolvimento do complemento oracional introduzido por “se” do português. *Alfa*, Araraquara, v. 56, n. 1, pp. 81-107, 2012.
- SOUSA, G. C. Gramática e gramaticalização de construções completivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *As interfaces da gramática* (série Trilhas Linguísticas, n. 18). 1. ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2010. pp. 231-44.
- SOUSA, G. C. *Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por “se”*, 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2007.
- TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.